

Brasil é o principal destino de investimentos australianos na A.Latina

De acordo com levantamento publicado pelo Australian Bureau of Statistics (ABS), agência australiana de estatísticas, o maior país da Oceania já fez investimentos diretos acumulados de cerca de US\$ 3,33 bilhões no Brasil

Com isso, o país mantém sua posição de principal parceiro comercial da Austrália na América Latina. Entre as empresas australianas que investem em terras brasileiras, os principais destaques são Macquarie, QBE, Goodman, BHP-Billiton, Brambles, Seek, Carsales, CottonOn, NuFarm, Karoon, Ansell, Amcor e Pacific Hydro.

Na avaliação do cônsul geral da Austrália no Brasil, Greg Wallis, o potencial agrícola, somado aos recursos naturais e de fabricação, torna o Brasil o país mais atrativo da América Latina para as grandes corporações. “Os investimentos são muito diversificados e vão além do setor de mineração, como a produção de minério de ferro e a exploração de petróleo. A Austrália fez, ainda, grandes investimentos em energia renovável, logística, serviços on-line, manufatura, agronegócios, serviços financeiros, seguros e varejo de moda, no Brasil”, afirma Wallis.



Cônsul geral da Austrália no Brasil, Greg Wallis.

O cônsul destaca outro ponto importante que atrai o interesse dos australianos. “Depois de passar por uma profunda e prolongada recessão, o país dá sinais de recuperação. Além disso, temos a nona maior economia do mundo e um mercado consumidor de cerca de 140 milhões de pessoas, o que estimula investimentos e negócios na

área de serviços domésticos, varejo e comércio on-line”, completa Wallis.

Para o diplomata, esse potencial seria mais bem aproveitado se o Brasil contasse com um ambiente mais favorável para os negócios, sem uma pesada burocracia e com um regime melhor de tributação. A carga de impostos representa um grande

nó para a competitividade e produtividade brasileira, colocando o país na incômoda 125ª posição no ranking dos países que oferecem mais facilidades para as empresas fazer negócios. Wallis explica que esses fatores inibem e, até mesmo, fazem com que as empresas australianas desistam de investir no Brasil.

“Muitas corporações priorizam os mercados americano, europeu e asiático porque são mais fáceis e próximos. Mas, é preciso levar em consideração que, para ser uma empresa verdadeiramente global, é necessário estar presente em um mercado tão grande quanto o brasileiro. Diante disso, é preciso fazer uma avaliação mais detalhada em relação aos investimentos, estudando e avaliando como garantir retorno e crescimento sustentado”, afirma o representante diplomático. “É preciso estar atento a este ponto de vista e lançar um novo olhar sobre o país”, completa (ABS).

Com foco no diploma, estudantes priorizam vagas que permitem conciliar trabalho e faculdade

Segundo pesquisa, o alvo desses jovens está voltado para os programas de estágio, que se tornam cada vez mais atraentes.

Com uma rotina agitada, entre provas e trabalhos acadêmicos, e ávidos pela rápida inserção no mercado de trabalho, os alunos de graduação estão em busca de oportunidades que, além de contribuir para a formação profissional, ainda se encaixem entre suas tarefas. Os dados são resultado de uma pesquisa realizada pela Companhia de Estágios – consultoria e assessoria especializada em programas de estágio e trainee – e revelam que, entre os principais objetivos desse grupo, está a vontade de adquirir experiência ainda na faculdade para ter um diferencial competitivo no mercado, por isso, os programas de estágio saem na frente em relação ao mercado celetista.

O principal atrativo da modalidade, à princípio, é a carga horária reduzida, mas, de acordo com especialistas do setor, outros pontos vêm chamando a atenção dos estudantes e tornando o estágio a opção mais cobiçada pelo grupo. De acordo com a Carta de Conjuntura, publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os jovens, que historicamente já sofrem para ingressar no mercado de trabalho, foram os mais afetados com o desemprego gerado pela recessão econômica do país nos últimos anos. O estudo revela que, além da dificuldade maior para conseguir uma vaga, o grupo também possui mais chances de demissão.

Para corroborar essas informações, o relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgado pelo IBGE revela que, no primeiro trimestre desse ano, o desemprego cresceu em todas as faixas etárias em relação ao fim do ano passado, mas, proporcionalmente, a parcela jovem da população foi a mais afetada (entre 14 a 24 anos). Segundo a análise, o número saltou para 5,6 milhões de desempregados nessa faixa etária, 600 mil a mais frente a 2017 (+11,9%).

Diante desse cenário desfavorável no quadro formal, aqueles que ainda frequentam as salas de aula, procuram alternativas para não ficarem à margem do mercado, e, entre elas, os programas de estágios vem se destacando. A pesquisa “O Perfil

Fotos: Divulgação



do candidato a vagas de estágio em 2018”, que contou com 5.410 participantes de todas as regiões do país, identificou que, entre os estagiários em atuação, 47% tem como prioridade poder conciliar o trabalho com os estudos e considera essa a maior vantagem do programa.

Evidenciando o caráter complementar que o estágio tem na vida acadêmica do estudante, 37% desses jovens afirmam que a oportunidade de colocar em prática o que é apreendido na faculdade é o ponto principal, já para 11% desse universo o maior benefício está na chance de aprender sem sofrer a pressão de um cargo efetivo.

Em relação à carreira, o levantamento mostra que, no momento, a maior preocupação dos estagiários é finalizar os estudos (24%) e adquirir experiência para se tornar mais competitivo no mercado de trabalho (24%). Entre aqueles que ainda estão em busca de uma oportunidade, 74% procura, exclusivamente, por uma vaga de estágio, seguidos por quem é indiferente ao tipo de modalidade e, em último lugar, aparece quem opta por um contrato formal no mercado celetista.

De acordo com Tiago Mavichian – diretor da Companhia de Estágios – essa procura acentuada se deve a alguns outros fatores também: “A jornada mais curta é apenas um dos atrativos que chamam a atenção dos estudantes. É claro que é um fator de peso porque se encaixa perfeitamente à realidade que eles estão vivendo no momento, mas não é o único. Diferente do mercado celetista, no qual, segundo

os dados do IBGE, a recessão ainda está desacelerando, os programas de estágio já estão recuperados. Nossos dados internos mostram que o setor está reagindo num passo mais animador do que as vagas formais.

Para se ter ideia, o número de oportunidades anunciadas em 2017 foi 19% maior frente ao último ano, o que supera os postos perdidos em 2016. Portanto, diante do saldo negativo da CLT, o estágio é, no momento, a melhor alternativa para o jovem”. O especialista ainda explica que, além do encolhimento dos postos formais, os jovens estão migrando para o estágio em virtude também de outras razões, como o fato de não ter que concorrer com profissionais mais experientes, ou mesmo, de não precisar comprovar experiência prévia para concorrer a vaga.

“Os índices mostram que, nos dois últimos anos, os estudantes têm priorizado a busca pelo estágio, participando, inclusive, de mais entrevistas nessa categoria em detrimento das vagas efetivas. Tanto que, no último triênio, o número de candidatos inscritos em busca de vaga aumentou mais de 20%” – acrescenta Mavichian. Um dos efeitos da alta procura é a disputa acirrada. Foram mais de 200 mil inscritos para os processos seletivos realizados pela recrutadora em todo o Brasil, somente em 2017. E, engana-se quem atribui essa alta à facilidade das entrevistas, pelo contrário.

De acordo com a pesquisa, a maioria dos participantes não vê diferença no nível de competitividade/dificuldade dos processos para vagas de estágio ou celetistas. Embora os programas de aprendizagem sejam voltados, exclusivamente, para os estudantes e não exijam experiência anterior na área, o aumento da demanda tornou mais rigorosos os filtros dos recrutadores para identificar melhor o perfil mais indicado a cada vaga.

A boa notícia é que a expectativa do setor continua favorável e a previsão é de crescimento. Mavichian afirma que a boa fase que o mercado de estágio atravessa atualmente tende a ser ainda mais positiva diante dos índices encontrados: “A projeção para 2017 foi superada e a tendência é que o saldo desse ano continue aumentando. A estabilização do mercado é um indicativo de que as empresas estão se recuperando e, consequentemente, os postos podem ser retomados. Mas, vale lembrar que, em contrapartida, a concorrência também continua crescendo, portanto, para se destacar é preciso investir em qualificação e se preparar”, conclui o especialista.

Fonte: Companhia de Estágios/PPM Human Resources.

A questão do saneamento básico no Brasil

André Telles (*)

O saneamento básico no Brasil é uma das questões mais preocupantes em relação à população, especialmente a mais pobre, já que na prática acaba sendo um grande problema de saúde pública

Conforme o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), até o ano passado, 50,3% dos brasileiros continuam sem a coleta de esgoto e somente 83,3% dos habitantes têm acesso ao abastecimento de água. Os números reconhecidamente são decepcionantes para uma nação que sonha em ser desenvolvida em breve, e que efetivamente deixe de ser o país do futuro e passe a se tornar o país do presente.

O saneamento raramente tem sido bandeira de boa parte da classe política, talvez porque essa área da infraestrutura seja mais ou menos invisível aos olhos da população e não possa se tornar uma propaganda monumental como tem ocorrido com novos viadutos, pontes, túneis, estradas e outras obras civis, que por sinal, também são bastante necessárias, na maior parte das vezes.

Para muitos legisladores ou mandatários, o saneamento pode significar apenas uma placa com um punhado de números, já que um bom número de obras se esconde debaixo do chão. É como um iceberg onde se enxerga apenas sua ponta singular, quando o grosso de muitos projetos está encravado nas profundezas do subsolo.

É muito triste saber que mais de 100 milhões de brasileiros ainda usam paliativos para eliminar seus dejetos domésticos. Para isso, empregam há séculos como alternativas a fossa sanitária ou esgoto direcionado para os rios, que vale ressaltar, nas grandes cidades, em sua maior parte estão mortos. Desde a sanção da Lei do Saneamento Básico em 2007 até o ano passado, o crescimento das redes de esgotos foi desolador, acendendo apenas 8,3 pontos percentuais, ou seja, de 42% da população chegou-se a tão-somente 50,3% dela, o que na prática significa pouco mais da sua metade.

O índice de esgoto tratado, por sua vez, subiu de 32,5% para 42,7% no mesmo período, ou seja, 10,2 pontos percentuais. Uma evolução muito tímida para quem tem a pretensão de ser um Estado desenvolvido e provedor de saúde. No caso do abastecimento de água os números são melhores, mas também não chegam a ser absolutamente animadores, pelo contrário. Em oito anos, houve um aumento de apenas 2,4 pontos percentuais, partindo de 80,9% em 2007 para 83,3%, em 2015.

No período entre 2007 e 2015, duas regiões puderam ilustrar o problema por outro

ângulo. A região Sudeste, por exemplo, apresentou os melhores indicadores, tendo sua população assistida em água (91%), tratamento de esgoto (47,4%) e esgoto (77,2%). Por outro lado, a região Norte, demonstrou os menores indicadores. Somente 56,9% dos seus moradores têm acesso à cobertura de água; 16,4% são beneficiados pelo tratamento de esgoto e somente 8,7% deles têm efetivamente esgotos.

Em razão da complexidade maior das cidades brasileiras, há uma demanda por novas medidas e instrumentos, bem como da escolha precisa de tecnologias, que melhorem os índices de desempenho, por exemplo, em estações de tratamento. A Ecosan, líder em soluções e integradora em tratamento de águas e esgotos, desenvolveu um estudo das condições de formação de controle de compostos químicos e ácidos para diferentes técnicas de tratamento de água.

Por meio dessa pesquisa científica, optou-se por um tratamento avançado pelo qual trabalha com processo de absorção, coagulação oxidativa e desinfecção controlada em tempo real, para evitar a formação de orgânicos clorados na própria estação. Em outras palavras, a tecnologia impede a formação de compostos químicos orgânicos que contêm carbono e flúor no próprio tratamento e na distribuição da água.

Essa nova possibilidade de ação procura criar um macroambiente saudável, conhecido tecnicamente como ‘higidez ambiental’, que age por intermédio do abastecimento de água potável, coleta e disposição de resíduos sólidos, controle de líquidos e gasosos, promoção da disciplina sanitária de uso do solo, drenagem urbana, do controle de doenças transmissíveis e outros serviços e obras especializadas neste contexto.

O objetivo seria essencialmente proteger e melhorar as condições de vida urbana e rural. Há outras tecnologias sanitárias disponíveis também em progresso como os métodos de dessalinização e reuso da água. Atualmente as regiões metropolitanas já estão sofrendo com escassez de água, gerada pela disputa do recurso natural entre casas, indústrias e propriedades rurais. Sem falar, que muitas fontes de água estão degradadas.

Para a coleta e reuso local de água, o sistema de membranas para tratamento da água, por exemplo, tem se mostrado bastante viável e acessível. Nas últimas décadas, a tecnologia em razão das exigências ambientais ganha força. A dessalinização tem mostrado sua importância nesse momento, porque até 2025, estima-se que haverá escassez ‘econômica’ de água em quase toda a América Latina, inclusive no Brasil.

(*) - É presidente executivo da Ecosan Soluções e Equipamentos Ambientais e vice-presidente do Sindesam (Sistema Nacional das Indústrias de Equipamentos para Saneamento Básico e Ambiental).



Diário, dinâmico e objetivo...

para você que não tem tempo a perder

Especializado em Publicidade Legal (Atas, balanços, editais e outros).

Empresas & Negócios

Acesse... www.netjen.com.br

Alckmin acerta com Dilma parceria para trecho do Rodovial

O governador de São Paulo, Carlos Alckmin (PSDB), anunciou nesta quarta-feira (28) que assinou um acordo com a presidente Dilma Rousseff (PT) para a construção de um trecho do Rodovial.